

# NARRATIVAS DE PROFESSORAS LÉSBICAS E PROFESSORES GAYS NO AMBIENTE ESCOLAR HETERONORMATIVO NO NORDESTE DO PARÁ

## NARRATIVES OF LESBIAN TEACHERS AND GAY TEACHERS IN THE HETERONORMATIVE SCHOOL ENVIRONMENT IN THE NORTHEAST OF PARÁ

Jardinélio Reis da Silva 1  
Lucélia de Moraes Braga Bassalo 2

**Resumo:** Este artigo apresenta a análise de narrativas de professoras lésbicas e professores gays acerca de suas experiências em um ambiente escolar heteronormativo. Tem como objetivo reconstruir significados acerca da homofobia na escola. O problema buscou verificar como docentes, com orientação da sexualidade não normativa e de conhecimento da comunidade escolar, lidam com a homofobia na instituição educacional em que atuam. Os caminhos metodológicos percorridos asseguram uma pesquisa de cunho qualitativo reconstrutivo, com enfoque na fenomenologia social de Schütz (1979). Para reunião de dados utilizou-se a entrevista narrativa de Schütze (2013). A análise das informações foi realizada com o método documentário de acordo com Bohnsack e Weller (2013). As análises apontaram as posições de desafio, resistência, ponte e respeitável que reunidas compõem o modelo de orientação pedagogia da diversidade como prática cotidiana dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Educação e homofobia. Homofobia e docência. Método documentário.

**Abstract:** This article presents the analysis of the narratives of lesbian teachers and gay teachers about their experiences in a heteronormative school environment. It aims to reconstruct meanings about homophobia in school. The problem sought to verify how teachers, with non-normative sexuality and knowledge of the school community, deal with homophobia in the educational institution in which they work. The methodological paths followed ensure a qualitative reconstructive research, focusing on Schütz's social phenomenology (1979). For data collection, the narrative interview by Schütze (2013) was used. The analysis of the information was performed using the documentary method according to Bohnsack and Weller (2013). The analyses showed the positions of challenge, resistance, bridge and respectable that together make up the pedagogical orientation model of diversity as the subjects' daily practice.

**Keywords:** Education and homophobia. Homophobia and teaching. Documentary method.

---

Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). 1  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6470139932410605>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6857-9803>. E-mail: [reisilvaj@hotmail.com](mailto:reisilvaj@hotmail.com)

Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora 2  
da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6941089571024585>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0412-6052>.  
E-mail: [lbassalo@uol.com.br](mailto:lbassalo@uol.com.br)

## Palavras iniciais

Ser homossexual é estar diante de uma série de situações que põem em xeque a autoestima, o bem estar e, muitas vezes, a vida das pessoas. Ser uma pessoa não heterossexual é estar sob olhares, palavras e atitudes que infelizmente, em sua maioria, são negativas e a acompanham em toda a sua trajetória de vida, seja pessoal, escolar, acadêmica e profissional. Agravando essa situação, a posição neoconservadora, representada pelas correntes do fundamentalismo religioso, libertarianismo e o anticomunismo (LIMA; HYPOLITO, 2019) vem ganhando espaço na contemporaneidade e tem contribuído para que se estabeleça um processo de silenciamento em torno da escola como produtora da igualdade de gênero.

É na contramão deste movimento e com o intuito de revelar trajetórias e processos vividos por profissionais da educação, especificamente de docentes assumidamente homossexuais e que estão em sala de aula, que este texto se dispõe a trabalhar. Como professores homossexuais, que tem sua orientação da sexualidade não normativa conhecida pela comunidade escolar, lidam com a homofobia? Como professores gays e professoras lésbicas atuam em escolas que reproduzem a heteronormatividade? Há indícios de homofobia na relação entre professores/as homossexuais e comunidade escolar? Como os e as docentes que trabalham na Educação Básica de um município da região norte, encaram a homofobia nas suas escolas? Estas e outras questões orientaram um estudo mais amplo sobre homofobia na docência em Castanhal, um dos cinco maiores municípios situados no nordeste do Pará, estado da Região Norte do Brasil, como modo de compreender e, quiçá, combater a homofobia que se desenvolve silenciosamente na escola.

A homofobia deve ser entendida como atitude de hostilidade para com as pessoas homossexuais assim como define Borillo (2016), sendo mais do que uma simples rejeição irracional, pois se forma a partir da compreensão que considera a pessoa homossexual, como seu oposto, subalterno, pessoa de um patamar inferior ou anormal. A homofobia é um tipo de violência que, segundo esse autor tem diferentes sentidos, revelando-se contra um indivíduo, atuando simbolicamente na sociedade a partir de uma lógica heteronormativa e binária de gênero. A violência contra pessoas homossexuais tem sido pauta de discussões fora e dentro da academia brasileira. Os recentes dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (2019) têm alertado para o aumento da violência contra pessoas que não se adequam aos modelos heterossexuais. De acordo com o relatório produzido pelo grupo, no ano de 2018, quatrocentos e vinte pessoas LGBTI+<sup>1</sup> (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexo) tiveram a vida ceifada por conta do preconceito.

A refutação dessa prática deveria nortear a formação das novas gerações. O ambiente escolar deveria ser o local em que o caráter disciplinador e de hierarquização entre pessoas, sexo e gênero, poderia ser combatido e desmistificado. Mas em muitos casos, a escola não tem sido isenta de ser um sistema opressor às pessoas não heterossexuais e, por vezes, tem reforçado sentimentos e atitudes de negação e ódio. Um exemplo dessa postura ocorreu no mês de novembro de 2019, em Belém do Pará, onde uma escola de cunho confessional foi denunciada por reforçar o preconceito e a discriminação contra pessoas homossexuais<sup>2</sup>. É importante ressaltar que a escola violou, a princípio, duas leis: a) Lei 7716/89, conhecida como Lei do Racismo, determinada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) como modo de punir aquele que “Art.20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito”\_contra homossexuais e transexuais e, b) Lei 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional que no Art. 3º, inciso IV assegura “respeito à liberdade e apreço à tolerância”.

A população LGBTI+ que transita na escola está sujeita aos dissabores de posicionamentos de cunho religioso tradicionalista que continua a oprimir o sujeito fora dos padrões da heteronormatividade, incentivam a discriminação e o preconceito. Neste contexto vale lembrar que:

1 O sinal de+ acrescido ao final da sigla se refere a outras tantas possibilidades de orientação sexual, identidade e expressão de gênero, assim como recomendado por Reis (2018).

2 Os pais de uma aluna denunciaram em redes sociais que em um questionário sobre determinado livro, supunham a condenação e formas de evitar a homossexualidade. O caso foi amplamente noticiado pela imprensa local e nacional.

Desprezar o sujeito homossexual era (e ainda é), em nossa sociedade, algo comum, compreensivo, corriqueiro. Daí porque vale a pena colocar essa questão em primeiro plano. Parece absolutamente relevante refletir sobre as formas de viver a sexualidade, sobre as muitas formas de experimentar prazeres e desejos; parece relevante também refletir sobre possíveis formas de intervir, a fim de perturbar ou alterar, de algum modo, um estado de coisas que considero intolerável (LOURO, 2004, p. 12).

Na investigação realizada, considera-se relevante entender como os professores gays e as professoras lésbicas lidam com a aversão, o medo, a repulsa a homossexuais, como reagem a homofobia que segue naturalizada na sociedade e se manifesta na instituição escolar. Assim como a autora parte-se da noção de que a reprodução de atitudes homofóbicas se dá, muitas vezes, de modo inconsciente e sem a medida do que determinada atitude ou discurso produz em uma pessoa. A dinâmica se estabelece entre o argumento de quem a comete, “era apenas uma brincadeira” e na atitude do discriminado de relevar, desculpar a “brincadeira”, perdoar para não perder as amizades, fazer intrigas na família ou mesmo não ocasionar tumulto. A humilhação, a agressão são desqualificadas como tais, minimizando o ciclo de discriminação em torno da pessoa homossexual e dissimulando o processo de construção social da homofobia.

A investigação organiza-se a partir de uma perspectiva de pesquisa qualitativa reconstrutiva, de modo a demonstrar os posicionamentos e modelos de orientação coletiva que norteiam as interações dos professores gays e professoras lésbicas no ambiente escolar. Assim, este texto inicia com uma breve apresentação dos caminhos metodológicos que orientaram a investigação para, em seguida, demonstrar os resultados da pesquisa indicando as posições dos e das docentes quanto ao reconhecimento inicial de sua orientação educacional no ambiente escolar e as situações vividas com a comunidade escolar por serem homossexuais.

### **Caminhos metodológicos**

O estudo do fenômeno homofobia no contexto educacional buscando as implicações desta violência na vida de professoras/as homossexuais sugeriu uma abordagem qualitativa de pesquisa. Considerando que, assim como afirmam Rocha e Maia (2017), a fenomenologia possibilita a compreensão qualitativa da educação, da diversidade sexual e de gênero no modo como se constituem no mundo vida, tanto em relação a subjetividade quanto nas relações que se estabelecem, a Fenomenologia Social, de Alfred Schütz (1979) orientou a busca por sentidos e significados que circularam nas falas dos e das participantes acerca dos impactos da homofobia em suas vidas. Como modo de reunião de dados foram realizadas entrevista narrativas de acordo com o proposto por Fritz Schütze (2013). Este modelo de entrevista destoa das demais pela sua natureza de gerar narrativa e não respostas a perguntas pontuais. Ela inicia com uma pergunta autobiográfica, deixando o sujeito livre para relatar suas experiências com a sequência temporal que lhe for mais conveniente, com estímulos mínimos do entrevistador e segue com perguntas que levem a reflexão e narração de situações, acontecimentos e perspectivas.

A análise das entrevistas foi realizada com o auxílio do Método Documentário onde deve-se “reconstruir o sentido subjacente e implícito na fala do entrevistado” (WELLER; OTTE, 2014, p.328). Os sentidos objetivo, expressivo e documentário (WELLER, 2005) são interpretados por meio das etapas do método: interpretação formulada (identificação dos temas trazidos pelos entrevistados), interpretação refletida (delineamento da estrutura da narração e análise semântica), análise comparativa (reconhecimento de diferenças, singularidades e quadros de referência) e construção de tipos (WELLER, 2005; BOHNSACK; WELLER, 2013). O método documentário, portanto, tem por base a fala dos sujeitos analisada pelo pesquisador por meio da reconstrução dos sentidos e significados, nesta investigação, da homofobia na docência para esse grupo. É um procedimento trabalhoso, mas possibilita delinear o modelo de orientação em que se assenta a narrativa dos e das professoras.

O método solicita ainda a transcrição das falas com códigos próprios possibilitando o registro das reações emocionais, de pausas, incômodos, alteração de humor entre outros, do

sujeito ao narrar suas experiências acerca do fenômeno. Estes códigos estão descritos na tabela em anexo. As falas dos e das docentes estão organizadas a partir de segmentos mais significativos para os objetivos almejados na pesquisa e de acordo com as posições que emergiram nas narrativas. As posições compõem o modelo de orientação apresentado ao final do texto.

A adesão à pesquisa não foi um processo simples. Houveram recusas e ausências, de modo que a pesquisa contou com seis participantes, sendo a) três homens e três mulheres; b) docentes da Educação Básica de Castanhal; c) professores gays e professoras lésbicas, com sua orientação sexual publicamente conhecida em seu ambiente de trabalho. Os e as participantes tinham, no momento da pesquisa, em 2019, idade entre 32 e 43 anos e mais de 9 anos de magistério na cidade.

Considerando os pressupostos de anonimato, proteção e sigilo em torno da identidade dos participantes, assegurados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e as exigências de codificação do Método Documentário, utilizou-se para nomeá-los as letras do alfabeto seguindo a ordem das entrevistas. Cada letra é seguida de outra para indicar o participante homem, com a letra “m” e ao referir-se a entrevistada mulher, a letra “f”. Logo os e as participantes foram nomeados como: Am, Bf, Cf, Dm, Ef e Fm.

## A orientação pedagogia da diversidade

Nesta seção, apresentaremos a interpretação das posições identificadas nas falas dos professores e das professoras, considerando dois aspectos: O reconhecimento inicial na escola de que eram homossexuais e, em seguida, a convivência com a comunidade escolar. As posições foram nomeadas a partir da identificação dos sentidos que emergem das narrativas ou da “forma como um tema ou problema foi elaborado assim como os respectivos quadros de referência ou modelos de orientação a partir dos quais o entrevistado constrói a narrativa” (WELLER; OTTE, 2014).

O conjunto das posições revela o modelo de orientação nomeado como *Pedagogia da Diversidade*. Essa denominação se refere a atitude dos professores e das professoras que mesmo sendo alvo de chacotas, humilhações e rejeições, desenvolvem um processo educacional de seus detratores à luz dos direitos humanos, do respeito a todos que sofrem preconceito e discriminação no ambiente escolar. Entre desafios e resistências são ponte e respeitabilidade.

## Para olhares, o lugar na docência

Os e as participantes da pesquisa apontam uma posição de *desafio* para quem tem a orientação da sexualidade não normativa de conhecimento da comunidade escolar. O respeito ao exercício profissional é um processo de conquista em que se é permanente provocado e posto à prova. Vejamos:

[...] quando eu iniciei a minha carreira né, lá na educação infantil (.) eu fui substituir uma professora que saiu pra uma cirurgia [...] e logo em seguida eu também tive a experiência de (.) entrar na rede privada pra trabalhar numa creche [...] de um grande hospital de Castanhal, que na época tinha uma creche (.) que atendia os filhos dos funcionários (.) então os pais (.) naquele primeiro momento tinham aqueles olhares né (.) eram dois olhares, era um olhar porque era alguém do sexo masculino, e era um olhar porque era alguém do sexo masculino e homossexual [...] e aí a gente vai quebrando com o trabalho, eu lembro que uma vez numa das festas da escola eu fui desafiado a fazer uma quadrilha (.) junina (.) com os pais desses alunos e com os funcionários desse grande hospital com médicos enfim; e eu dei conta né (.) fiquei a frente (.) então com o trabalho eu fui respondendo pra eles que a (.) a minha orientação (.) não ia intervir na formação (2) do caráter dos seus filhos né (.) porque, se houvesse algum

aluno ou aluna (.) que: tivesse nesse processo de descoberta e que a orientação sexual fosse pra ser gay ou lésbica (.) a minha postura em sala de aula não ia influenciar <sup>9e</sup> e aí é essa experiência<sup>9</sup>. (Informação verbal)

O professor Am lembrou que foi contratado para ser docente em uma creche particular de um determinado hospital que atendia filhos dos funcionários e percebeu certo incômodo dos pais e das mães por ser professor homem e gay na educação infantil. Ao dizer: 'então os pais (.) naquele primeiro momento tinham aqueles olhares, né' identifica que sobre ele havia uma atenção diferente. O trecho 'eram dois olhares, era um olhar porque era alguém do sexo masculino, e era um olhar porque era alguém do sexo masculino e homossexual', pronunciado enfaticamente por Am, retrata sua percepção, por um lado, da dúvida dos pais sobre a atuação do homem na educação infantil e, por outro, a desconfiança com relação a adequação de ser homossexual e lidar com crianças, refletindo a dinâmica das relações sociais de gênero, que propõem atribuições diferentes relacionadas a cada sexo.

A escola para a educação de crianças constituiu-se historicamente como *lócus* de trabalho da e para a mulher num processo de feminização do magistério que "expressava a divisão sexual do trabalho e a reprodução de um esquema binário que situava o masculino e o feminino como categorias excludentes e que dava sentido à história de professoras e professores e às suas práticas escolares" (VIANNA, 2013).

Ao dizer que "com o trabalho eu fui respondendo pra eles que a (.) a minha orientação (.) não ia intervir na formação (2) do caráter dos seus filhos né" conclui que através de sua atuação pedagógica conseguiu superar a desconfiança dos responsáveis das crianças. A frase mostra a compreensão de Am que estar como professor homem e homossexual, na educação infantil, significou romper com modelos arraigados na cultura escolar. Não era o bastante ter competências e habilidades na profissão, mas tinha que se sobressair, liderando atividades como ele diz: 'fiquei a frente'. O professor Am explica que ao realizar seu trabalho como docente na creche, conseguiu demonstrar que a sua 'postura em sala de aula não ia influenciar' a orientação sexual de seus alunos.

Ainda nesta posição está a professora Cf. Para conquistar seu espaço dentro do ambiente escolar também enfrentou muitos desafios.

[...] No começo foi isso, eu era bem (2) excluída de muitas coisas; as pessoas meio que (.) tinham um medo de mim, sabe. Não sei te dizer por que né. Uma mulher masculinizada não é muito agradável aos olhos das pessoas **escrotas** né [...] eu fui bem excluída aqui. [...] Mas, é::: como eu sempre fui muito falante, né, eu comecei a me envolver nessas questões de festas: festa de natal, festa de criança, festa disso, festa aquilo. E automaticamente eu comecei a organizar. [...] Mas hoje em dia eu sou muito respeitada aqui dentro dessa escola, graças a Deus. Eu consegui cavar o meu espaço a duras penas, confesso. Mas foi bem complicado (.) Mas eu tenho uma influência grande aqui na escola. As pessoas me perguntam opinião. As pessoas querem mobilizar comigo. As pessoas querem que eu seja a liderança muitas vezes (.) A diretora confia em mim. Ela me pede opinião. O vice-diretor, a gente tem uma ligação próxima. Então eu posso te dizer que hoje em dia, eu (.) eu (.) eu conquistei o meu espaço para além da homofobia. Não vou te dizer que eu ainda não sofro. Eu sofro com olhares. Sofro com falas. Sofro com (.) talvez, né, risadinhas, mas (.) eu tenho o meu espaço hoje em dia aqui na escola. E isso me deixa muito orgulhosa porque mostra que a gente::: É difícil. É muito difícil. É muito doloroso. A gente precisa ter uma saúde mental muito boa pra gente não se entregar né. [...] A gente tem que

lutar. A gente tem que tá aqui. A gente tem que tá forte. Tem que se fortalecer e se fortalecer nos outros, no coletivo pra gente conseguir sobreviver, infelizmente, nesse país machista, homofóbico e racista que a gente vive; é isso. (Informação verbal)

A professora Cf inicia sua fala com uma das dimensões da homofobia na escola dizendo: ‘eu era bem (2) excluída de muitas coisas’ e ‘Eu fui bem excluída aqui’. Ao repetir duas vezes a palavra “excluída” a professora enfatiza que foi colocada a parte do grupo, ignorada ou não admitida pelos colegas de trabalho. Deve-se ressaltar que a exclusão do grupo é uma dinâmica comumente utilizada em processos homofóbicos. Diz não saber exatamente o motivo, mas resalta como causa, o fato de ser uma ‘mulher masculinizada’. A professora se refere ao fato de que é uma mulher que além de não ser heterossexual, fere o estereótipo de gênero que atribui a mulher determinadas características pré-determinadas socialmente, como sendo atributos naturais do feminino. A sua explicação do possível motivo de sua exclusão denota a homofobia no ambiente escolar. O processo de superação dessa situação, assim como o professor anterior, é identificado a partir de seu envolvimento nas festividades escolares.

Entretanto, ela usa a palavra sofrer para se referir ao estado atual das relações na escola. As frases ‘eu ainda não soffro. Eu soffro com olhares. Soffro com falas. Soffro com (.) talvez, né, risadinhas’ e ‘é muito doloroso’ são pronunciadas em tom mais alto e indica que mesmo que tenha obtido respeito na instituição, isto não a protege de ser objeto de discriminação na escola, por ser uma professora lésbica. Ela percebe a reação homofóbica pelos ‘olhares’, ‘falas’ e ‘risadinhas’. Apesar disso diz que não se entrega a discriminação e as dores decorrentes, afirmando: ‘A gente tem que lutar’ e ‘A gente tem que tá forte’.

As palavras ‘lutar’ e ‘forte’ indicam a compreensão de que a presença de professores e professoras homossexuais na escola demarca a instituição como um espaço de disputa entre a compreensão heteronormativa que hierarquiza e desvaloriza pessoas de orientações sexuais não hegemônicas e, a promoção da igualdade de gênero que pressupõem que a escola é o lugar de todos e para todos, independentemente de qualquer característica ou singularidade. Ao falar ‘A gente tem que tá aqui’ reafirma a posição de que docentes homossexuais não podem ceder aos processos de exclusão, de desconsideração. Devem permanecer visíveis na escola.

Porém essa batalha diária que o homossexual trava em seu dia-a-dia deve ser fortalecida, em sua perspectiva, no ‘coletivo’. Logo, não é uma batalha solitária ou individual. Após a entrevista, Cf informou que era participante de um grupo LGBTI+ em Castanhal. Esta informação associada as palavras ‘coletivo’, ‘fortalecer’ e ‘sobreviver’ leva a suposição de que o sofrimento individual encontra guarida entre pares que, por sua vez, fortificam a compreensão de que uma pessoa não pode ser considerada subalterna ou pior que outra por sua orientação sexual.

A posição de desafio também está presente na narrativa de Fm. Suas falas retratam as contendas vividas com estudantes.

[...] eu me lembro que em 2008 que=esse negócio “E aí” ((Gíria gay para cumprimentos de saudação que reproduz o som pelo nariz – ele repete o som)) não sei o quê, cara, isso me perturbava horrores. Dentro da classe então eu ignorava horrores. Então tinha os meninos que –tavam chegando e quando eu entrava no portão, eles falavam “E aí”, eu fazia de conta que nem era comigo. Tinha uma turma que veio me afrontar entendeu. Foi o ano passado (.) Foi a turma da outra professora (.) Aí quando passava e gritava “E aí”, aí aquilo subiu sabe (.) Aí eu disse “meus anjos de quem são aqueles meninos?” “Ah, é lá do quinto ano, professor”, eu disse “-Tá, eu vou pegar eles e vai ser na hora intervalo com a professora”. Aí falou o nome da professora (.) Aí eu fui lá (.) Eu disse “Olha professora, os seus alunos (.) eu sei que você não tem nada a ver (.) mas isso requer muito da professora titular (.) quem

–tava levando eles pro ginásio era a professora de educação física (.) eu acho que assim=esse trâmite de passar pela minha sala, isso –tá me incomodando; eu espero que isso nunca se repita; e eu estou lhe chamando atenção; e eu vou chamar atenção da professora de educação física porque ela tem que ter domínio de classe pra eles não –tá atrapalhando a minha aula e chamando atenção dos meus alunos; porque é um negócio de “e aí, e aí” (.) Cara tu é doido (.) Aí acabou cara. Acabou. Eles me pediram desculpa; a professora conversou com eles, me chamou, me pediu desculpa, disse que não ia mais se repetir isso. E acabou (Informação verbal).

O professor Fm relembra uma situação vivida com os discentes de uma escola ao utilizarem um cumprimento de saudação entre pessoas gays, ‘e aí’. Utilizada do modo como ele faz referência, a função de saudação cede lugar a noção de identificação negativa de um gay. Negativa porque se usa a gíria como um deboche, o equivalente a um xingamento como “marquinha”, ou algo do gênero.

Ao enfatizar a frase ‘isso me perturbava horrores. Dentro da classe então eu ignorava horrores’, mostra sua perturbação diante da forma como os estudantes o cumprimentavam utilizando gírias gays. A palavra horrores, embora tenha a conotação de muito, demonstra também o peso de algo que causa profundo incômodo, extremo desconforto. Sua primeira atitude foi a de ignorar o momento, como ele diz: ‘eu fazia de conta que nem era comigo’. Entretanto, diz que outra turma ao passar por sua sala de aula o importunava de tal modo, que ele diz: “uma turma que veio me afrontar”. Essa frase revela que se sentiu ultrajado. Contudo, dessa vez, não ignorou e tomou outra conduta, solicitando a professora que orientasse seus alunos para que tivessem outro comportamento. Um comportamento de respeito ao seu lugar como docente na escola.

O professor ao reproduzir a conversa com a professora, demonstra na frase ‘eu sei que você não tem nada a ver’ o entendimento de que as atitudes dos alunos se originam em outros tipos e modos de conhecimento que não passam diretamente pelo que aprendem na escola ou com a atuação da professora. Porém, ao afirmar que ‘ela tem que ter domínio de classe’, ele lhe atribui responsabilidade quanto ao comportamento da turma durante a atividade que ela desenvolve e a deferência para com o seu papel de professor na instituição educacional. Considera que sua atitude foi positiva ao afirmar enfaticamente: ‘Aí acabou cara. Acabou’.

A docente Ef, por sua vez, também relatou importunações no ambiente escolar quando as pessoas da escola ou familiares de aluno tomavam conhecimento que ela era lésbica.

Eu trabalho numa escola que tem 3 turmas, 3 turmas de manhã e 3 turmas a tarde [...] e nessa mesma escola a minha esposa trabalha, ela é auxiliar administrativo (.) E uns pais chegaram a perceber que a gente era companheira. E eu cheguei a ver assim um comportamento diferente, mas nada explícito, nada desse aspecto. Mas na outra escola já é tudo muito mais aberto, até porque é fundamental maior (.) os pais (.) a maioria dos profissionais com quem eu trabalho quase todos sabem. E lá eu tive a primeira experiência, digamos assim, de sair do armário. Por quê? Porque quando eu comecei, é a escola que eu trabalho desde o início aqui em Castanhal, mas quando eu morava em Belém poucos sabiam da minha vida. Mas a minha atual companheira, como ela já trabalhou lá e mãe dela também, quando eles despertaram assim, eu sofri um pouco desse preconceito assim de ver as pessoas -tarem perguntando, -tarem de bochichinho. (Informação verbal)

A professora Ef informou que trabalha com os anos iniciais e finais do Ensino Fundamen-

tal em escolas diferentes e tem duas formas de agir quanto a revelação de sua sexualidade. Acrescenta que a visibilidade de sua condição se dá pela presença de sua companheira nas duas escolas e a da sogra em uma delas.

A frase ‘uns pais chegaram a perceber’ e ‘eu cheguei a ver assim um comportamento diferente’ são proferidas para indicar que na primeira escola onde atua nos anos iniciais, poucas pessoas sabem de sua orientação sexual e mesmo assim identifica uma alteração comportamental daqueles que tomam conhecimento. Entretanto ressalta que são ‘nada explícito’, ou seja, sugere que embora não seja visível as atitudes mudaram a partir do momento que ela é identificada como sendo uma mulher casada com outra mulher.

Na outra escola onde o conhecimento de sua orientação sexual é amplo, é como ela diz: ‘tudo mais aberto’. Explica que talvez isso se deva ao fato de ser uma escola que atende estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Os efeitos dessa visibilidade são revelados ao se referir a ‘bochichinho’ e ‘pessoas -tarem perguntando’. O bochicho, as perguntas são identificados como algo que lhe causa incômodo. Ao afirmar “eu sofri um pouco desse preconceito” se refere a identificação de que sua condição, ser homossexual, estava sendo pautada nas conversas das quais ela não fazia parte. A palavra pouco dá a medida de que se não há comparação entre o que ela vive e as formas mais agressivas de discriminação homofóbica, ao mesmo tempo ser alvo de comentários porque não se está dentro da heteronorma, causa sofrimento.

Nesse contexto, posto que não ocasionou mais do que comentários, pode-se identificar como algo positivo a convivência de um casal de lésbicas com a comunidade escolar. Quiçá podemos supor que estudantes, pais, professores e demais funcionários tiveram a oportunidade de desfazer seus preconceitos e quebrar tabus pela proximidade e familiaridade com mulheres homossexuais. Na prática, poder-se-ia pensar que se desenvolveu um processo educacional para a cidadania, para a vida.

A narrativa de Am, Cf, Fm e Ef indica que sair da invisibilidade e dar-se a ver com homossexual, implica em ser desafiado. Em todos os relatos pode-se identificar (con)vivências homofóbicas traduzidas em silêncios, olhares, negação, burburinho. Rich (2010) quando fala sobre a lésbica que não dá a conhecer a sua orientação sexual, no ambiente de trabalho, afirma que em meio a heterossexualidade compulsória, há uma exigência: “Seu emprego depende de que ela finja ser não apenas heterossexual mas também uma *mulher* heterossexual em termos de seu vestuário, ao desempenhar um papel feminino, atencioso, de uma mulher de verdade” (p. 28). Ou seja, ela tem que responder aos modelos heterossexistas, por ser mulher. Se estendermos esta situação aos homens homossexuais estes também deveriam, fingir quem não são para uma vida sem confrontação quanto a sua orientação sexual. Entretanto, fingir não é uma alternativa para os e as docentes entrevistadas. A manutenção da aparência heterossexual e o silenciamento de sua homossexualidade para ser aceito no ambiente profissional, na escola não é o a sua trajetória.

## Para os julgamentos, resistência

Além do modo como perceberam a reação das pessoas ao saber que eram homossexuais, professores e professoras relataram como se deu a convivência com as chefias ao longo dos anos de sua experiência na docência. A ênfase na posição de *resistência* pode-se ver nos segmentos abaixo:

[...] de tratamento mesmo né (.) de alguns secretários que já se passaram ((referindo-se ao secretário de educação)) alguns secretários muito é::: no sentido de ter um olhar muito reservado pra orientação sexual (.) [...] eu nunca tive nenhuma situação de assédio né (.) moral (.) mas também nunca dei margem pra que a minha vida pessoal a minha orientação pudesse intervir no meu trabalho né (.) [...] é::: e de mostrar mesmo a partir do trabalho que as pessoas se é::: são equivocadas por julgar o outro a partir da orientação sexual (.) ou da sexualidade mesmo né; <sup>9</sup>acho que foi nesse sentido<sup>9</sup>. (Informação verbal)

Ao se referir ao modo como era tratado por superiores, Am identifica a circulação de preconceito homofóbico, embora velado na secretaria de educação. A frase ‘ter um olhar muito reservado pra orientação sexual’ denota silêncio em torno de sua orientação sexual como se pairasse dúvida sobre seu desempenho. Este professor ressalta nunca ter sido assediado e apresenta como justificativa o fato de não misturar trabalho e vida pessoal ao afirmar: “nunca dei margem pra que a minha vida pessoal, a minha orientação pudesse intervir no meu trabalho’. Contudo ressalta que há um equívoco no julgamento de pessoas ‘a partir da orientação sexual’. Vê-se que o docente revela que há uma avaliação da atividade profissional de pessoas homossexuais por serem homossexuais e não por sua conduta no trabalho. Ao se referir ao ‘olhar’ Am sugere que, ao não seguir o padrão heteronormativo, gerava o questionamento de sua presença em um ambiente que regula a educação.

A professora Ef relata outra situação:

Olha (.) assim (.) posso dizer que quem sabe da minha vida fora da escola são os professores, são os funcionários, as pessoas com quem eu trabalho. Com os meus alunos, como eu falei, eu nunca (.) sempre fui resguardada em tudo na minha vida assim, então (.) eu não escondo deles, mas também não fico falando [...] o ano passado, com esse negócio de política (.) [...] Aí quando foi nesse processo, depois, a diretora que –tava em campanha, ela começou a dizer, por exemplo, “Olha, agora a Ef é do capeta. Ela não acredita mais nem em Deus. Ela não quer mais nem que reze na escola” ((diminuindo o tom de voz como se imitasse a diretora)) não sei o que=porque na época eu falei para algumas professoras que a gente tinha que ter o cuidado de puxar orações dentro da escola. Ela é laica e podia estar ofendendo porque além da gente chamar pra uma oração, a gente dizia “Vamo lá, feche seus olhos, segure a mão”. Fica forçando uma situação. E que pra mim é muito pior, e que assim tu não tá levando Deus, tu não tá levando nada. Muito pelo contrário, só –tá ofendendo a pessoa. Por conta dessa fala, ela foi dizer que agora, porque eu –tava numa relação estável, eu era do demônio, então isso eu vivenciei nessa situação assim, mas já foi mais atualmente. (Informação verbal)

A frase ‘eu não escondo deles, mas também não fico falando’ mostra que a professora não nega, mas não fala de sua orientação sexual com seus alunos ainda que o restante das pessoas da escola saiba que ela é lésbica. Seu relato revela atitudes diferentes a depender de com quem ela está lidando em determinado momento.

A frase ‘com esse negócio de política’ revela que a docente identifica o momento de acirramento acerca do campo de gênero e do uso do discurso religioso no momento das eleições presidenciais de 2019 e que se refletiu no cotidiano de sua escola. Isso fica ainda mais claro ao contar sua defesa de que a escola pública não deve permitir a dominância de uma determinada religião. A frase ‘porque eu –tava numa relação estável, eu era do demônio’ pronunciada enfaticamente mostra seu espanto em ver a utilização de um argumento religioso, numa escola pública, ser utilizado como justificativa para prática homofóbica.

Vale ressaltar que a frase que ela relembra ‘Olha, agora a Ef é do capeta’ indica que ela sofreu assédio moral com a clara intenção de denegrir sua imagem. O que está em jogo não é sua crença ou não em algo, não é sua religiosidade ou a falta dela, mas o fato de que a sua orientação sexual se tornou pública, de conhecimento dos colegas, logo se era homossexual, tornou-se algo do mal, algo ruim. Nessa situação fica claro que a qualificação dada pela diretora ‘é do capeta’ reflete a compreensão religiosa conservadora de que a pessoa que desvia do modelo heteronormativo está possuída pelo espírito do mal. Tal espírito emergiria do inferno, onde reina o mal, toma o corpo da mulher, tornando-a lésbica.

A associação entre a homossexualidade e o mal não é recente. Borillo (2014) ao tratar de homofobia na história da humanidade mostra que na idade média as pessoas que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo estariam ligadas ao mal, por isso eram expulsas da igreja e sofriam castigos. Foucault (1988) também mostra a dinâmica de condenação pela igreja e pela ciência na história da sexualidade. A situação relatada mostra o recuo a esse pensamento tão antigo. De certo modo aponta a atitude padrão de pessoas homofóbicas, mas não declaradas, que toleram homossexuais por obrigação profissional e, quando têm oportunidade, qualquer oportunidade, deixam verter sua interpretação preconceituosa e discriminadora.

Os relatos de Am e Ef reafirmam a interpretação de Bassalo e Weller (2020) de que atitudes homofóbicas são frequentes nas instituições sociais como as escolas e derivam de uma lógica binária e linear que hierarquiza sexualidades. Além disso, Bento (2011) salienta que “passamos a entender a homofobia enquanto uma prática e um valor que atravessa e organiza as ações sociais, distribui poder e regula comportamentos” (p. 556).

### Para o preconceito, a ponte

A compreensão de que a escola deve ser um ambiente que oportuniza desestruturar o preconceito sobre as orientações não normativas da sexualidade e que pode ser um ambiente de esclarecimento, apareceu em uma das narrativas. A concepção da escola como *ponte* se delinea na narrativa da professora Bf::

[...] o pessoal fala muito assim, olha (.) inclusive sobre essa questão de a pessoa ser discreta né. “Ah, pode ser gay? Pode. Mas não pode ter trejeitos, pode ser mas não pode” Entendeu? [...] uma amiga minha fala muito assim “Bf, mas como é ser cis, ser trans?” [...] então eu sempre falo “Não, são coisas diferentes. –Bora conversar?” [...] eu sempre me posiciono (.) e sempre falando assim, da importância da gente respeitar o indivíduo, né (.) então você precisa respeitar, mesmo que você não concorde, não compreenda você precisa respeitar né (.) respeitar a fala dele, respeitar o jeito dele (.) perceber que existem várias pessoas que são gays e que são lésbicas e que cada pessoa é um ser humano né [...] a gente sempre tem famílias que atende que também são homoafetivas né, então eu –tô sempre contribuindo em mediar essas questões entendeu? Nós tivemos, por exemplo, um torneio do dia dos pais (.) nós tínhamos (.) o ano passado, o pai de um garotinho que estava em transição, era um homem trans; então estava em transição, inclusive no começo do ano ainda –tava com cabelo grande e tudo (.) e aí –tava passando por aquele processo (.) e aí ficou aquele negócio né, é o torneio dos pais (.) e ele –tava super empolgado pro pai dele vir né (.) porque era como ele tratava; como pai [...] então a escola faz aquele né (.) aquele tabu, aquela especulação (.) “E agora?” (.) Gente, @se ele vier, ele vai participar@, ponto, **simples**, não tem o que se discutir, o que se conversar, o que se resolver (.) a criança está empolgada com a presença do pai, se ele vier ele vai participar. (Informação verbal).

A professora inicia sua narrativa falando da invisibilidade da pessoa homossexual. Os trechos que se referem a pessoa homossexual ‘ser discreta’ e ‘pode ser mas não pode’ pronunciada com veemência demonstra sua insatisfação com a heteronorma que pressupõe o lugar da dissimulação de si para as pessoas homossexuais. A condição para a pretensa aceitação se inscreve no silenciamento acerca de sua orientação sexual. Por outro lado, não se deixa tomar por esse discurso e com a frase ‘-Bora conversar?’ mostra sua disponibilidade para esclarecer entendimentos equivocados ou a falta deles. Com essa atitude assume um ativismo esclarece-

dor na escola com relação ao campo da sexualidade e gênero.

Outro ponto relevante de sua fala é a conexão que ela faz entre a escola e as famílias homoafetivas. Ao relembrar a pergunta 'E agora?' ela identifica primeiro que a escola não sabe como agir diante do diferente, do incomum e do divergente. Bf assume mais uma vez o lugar do esclarecimento. Com a palavra 'simples' mostra que a escola deve se relacionar com quaisquer familiares das crianças independente da sua condição de gênero ou orientação sexual. Ao dizer 'não tem o que se discutir' assegura a escola como o lugar da diversidade e da acolhida, reforçada na frase 'se ele vier ele vai participar'.

Importa destacar ainda que a palavra 'respeitar' é utilizada diversas vezes em sua narrativa para demarcar sua posição em seu ambiente de trabalho. A partir de outros segmentos da entrevista não disponibilizados neste texto, pode-se observar que Bf é uma professora atuante, participativa e foi ao longo do tempo se constituindo como uma referência para o debate da diversidade na escola. Tornou-se uma ligação entre a instituição escolar e famílias não normativas, tornou-se uma possibilidade de superação do preconceito em direção ao respeito. Assumiu a defesa da igualdade e ao dizer 'cada pessoa é um ser humano' estabelece uma ligação entre existências, vivências e trajetórias.

A posição assumida por Bf coaduna com a argumentação de Junqueira (2009) quando reforça que para problematizar e subverter processos homofóbicos, necessita-se de pedagogias, de posturas, de arranjos institucionais eficazes. De certo modo a professora Bf avoca pra si a tarefa da formação, do esclarecimento, da superação, do ato pedagógico em direção ao respeito e construção da igualdade.

## Para a defesa, a valorização

Por fim, um último grupo de posições indicam experiências em que há acolhimento ao docente homossexual na escola. Os sujeitos apresentam em seus relatos poucos indícios de homofobia e compartilham lembranças positivas para se referirem à comunidade escolar. A posição nomeada como *respeitável* está presente na narrativa de dois professores e uma professora. Vejamos:

Sinceramente, sinceramente=sinceramente, todos eles:: Inclusive eles têm uma terminologia do meu nome [...] quando não é ( ) é meu carequinha, meu nego. Tem um que ele é até advogado e professor também, né. Ele me chama de meu mano, meu preto. E quando ele chega na frente dos alunos mesmo, ele me beija no rosto, me abraça, enfim, me chama de homem cheiroso@@@ (.). **Agora lá no assentamento** ((referindo-se a uma escola do campo, em Castanhal)) [...] alguns alunos (.) isso foi perceptível pra mim (.) [...] eu senti que houve uma resistência por parte deles [...] outro dia o (.) aqui na escola eu tive que conversar com um aluno. Por quê? Porque ele chegou comigo e disse "Por que, professor, tem o banheiro das meninas, o banheiro dos meninos e não tem o **nosso** banheiro?", "Mas como assim o nosso banheiro?" "Não, -fessor, eu quero vir pra cá de saia. Eu quero me pintar". Eu disse "Mas tu sai da tua casa desse jeito?" Ele disse não. É na rua, durante o percurso que ele se transformava. Mas não há essa (.) é **necessário** [...] Tu pode procurar o coordenador do conselho e conversar com ele e colocar tua sugestão. [...] Procura quem é teu representante de alunos dentro do conselho que tu vai ser ouvido. (Informação verbal)

O professor Dm iniciou sua fala relatando o bom relacionamento que vive com os colegas professores. Identifica com os trechos 'meu carequinha', 'meu nego', que desenvolveu uma relação afetiva com os colegas. Com a frase 'na frente dos alunos mesmo me beija no rosto, me abraça, enfim, me chama de homem cheiroso' demonstra ser tratado com espontaneida-

de. Algo que passa imperceptível para os que não sofrem preconceito, é ressaltado em sua fala como algo positivo pra uma pessoa, no caso um homem, homossexual.

Dm aponta dois tipos de relacionamento com os alunos. O primeiro representado na frase 'houve resistência', mostra indícios de homofobia quando foi trabalhar em uma escola da zona rural, local de cultura mais tradicional. O segundo, revelado na pronúncia enfática da palavra nosso, do trecho 'não tem o nosso banheiro', ao se referir a um aluno que o identificou como uma pessoa de orientação sexual não normativa. A ênfase na palavra 'nosso' indica que o reconhecimento do outro como um igual na diferença, favoreceu a confiança de que pudesse fazer uma pergunta e um processo de identificação. A pergunta revela a confiança de que não seria rechaçado ou desvalorizado, o que foi entendido pelo professor que o orientou sobre o modo de como conduzir sua solicitação. Deve-se ressaltar que é salutar ter-se ao longo da vida pessoas que se possa admirar ou se espelhar. Ao contrário do que diz o discurso conservador por indução ou doutrinação, ter pessoas nas escolas com quem estudantes homossexuais possam se identificar positivamente é salutar. Apenas por existir, ou por ser competente, trabalhador, respeitado e respeitador, estar ali, próximo, no cotidiano, por ser a concretude da normalidade em ser homossexual.

Ainda na terceira posição, verifica-se o relato de Fm. Sua fala revela uma boa relação com a comunidade escolar.

Tem muitos pais assim de anos anteriores que já foram lá na direção e direção veio até mim, dizendo que queriam que seus filhos ficassem comigo. [...] Por quê? Eu tenho muito carisma por essas crianças, eu brigo por eles, porque pra mim assim, eles (.) têm uns assim que me chama até de pai, acredita? [...] Eles chegam me abraçam, me beijam. (Informação verbal).

Seu relato se condiciona a relação com os pais de alunos que gostam de seu trabalho. No trecho queriam que seus filhos ficassem comigo' revela o posicionamento dos pais em relação ao professor. Mesmo sendo abertamente homossexual, os pais o escolhem como docente de seus filhos. Com a frase 'eles chegam me abraçam, me beijam' informa que tem uma relação afetuosa e que o fato de ser homossexual não é um desqualificante para essas crianças e suas famílias.

Em sua opinião estes pais não relacionam a orientação da homossexualidade a um trabalho ruim. Consideram o bom desempenho do professor que com suas metodologias, postura e afeto para com as crianças, conseguiu ensinar com êxito seus filhos, por isso buscam a 'direção' para solicitar a continuidade do trabalho.

Neste grupo também se situa Cf. A professora apresenta uma boa relação com pais e mães de seus alunos que chegam a defendê-la quando alguém a acusa.

A gente teve uma reunião semana passada aqui com vá::rios pais, sobre a greve. E eu –tava liderando a reunião. Veio mães me abraçando "Professora a senhora é demais" e (.) então é muito legal isso, sabe (.) Eu tenho alunas do 6º ano que elas viram pra mim "Professora, sua namorada é muito bonita, viu". Então eu só faço olhar pra cara de- (.) Porque eu não gosto também, sabe [...] até porque você abre uma liberdadezinha ali, que ali, às vezes, o aluno pode confundir. [...] Então eu faço de tudo pra manter a distância por conta disso. Porque é um terreno muito perigoso, né (.) [...] eu –tava trabalhando sobre gênero e levei uma boneca pra sala e perguntei pra eles "quem poderia brincar" (.) A gente –tava fazendo uma discussão sobre gênero (.) Enfim. Eu sei que o menino chegou na casa dele [...] dizendo que eu –tava fazendo eles brincarem de boneca. Aí o pai, na reunião da turma, né, com a professora, disse "Eu quero saber porque que essa professora de educação física tá

fazendo meu filho gostar de brincar de boneca. Meu filho não é viado. Meu filho não é mulher”. E aquele papo furado de sempre. Aí pronto, todo mundo foi em cima e me defendeu. E eu não –tava na reunião. E depois eu fiquei sabendo. Eu disse, poxa, é uma pena eu não tá na reunião porque eu ia explicar pra ele. E a gente tem muitos pais homofóbicos, machistas. E a gente vê pelas crianças. Mas nunca, nunca eu tive nenhum pai ou mãe ou irmão, responsável ou vó que chegasse comigo e falasse qualquer coisa [...] Eu realmente não falo sobre a minha sexualidade em particular, mas é o tempo todo desconstruindo as coisas e falando de machismo, falando de misoginia de homofobia e tudo mais. (Informação verbal).

Cf destaca nessa fala seu bom relacionamento com a comunidade escolar. No trecho ‘veio mães me abraçando’ ela acentua a boa relação que estabelece com a comunidade escolar. O abraço é utilizado também como manifesto da posição de estar ao lado, representa a proteção resultante de sua atuação. Ao relatar a acusação de doutrinação que sofreu em uma reunião de pais ressalta que ‘todo mundo foi em cima e me defendeu’. Apesar de em outros trechos ter reconhecido atitudes homofóbicas como elementos de sua trajetória como docente, ela ressalta como mais significativo o acolhimento que sente da maioria dos pais.

Do mesmo modo, indica uma boa relação com os estudantes, mas também um determinado receio de que ‘o aluno pode confundir’. A boa relação se vê na frase que ela relembra ter sido dita por uma aluna: ‘professora, sua namorada é muito bonita’. Com essa frase demonstra que os estudantes ao saberem de orientação sexual a tratam com naturalidade. Por outro lado, no trecho ‘então eu só faço olhar’ e ‘abre uma liberdadezinha’ destaca seu receio de que limites entre vida pessoal e profissional sejam ultrapassados.

Estes trechos ressaltam a dimensão que Louro (2014) salienta, a “a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que existia *a priori*” (p. 27), ou seja, a comunidade escolar os vê não pela sua condição anterior a docência, a homossexualidade, mas ao trabalho que desenvolvem.

## Palavras Finais

A análise possibilitou verificar como professores homossexuais lidam com a homofobia em escolas que reproduzem a heteronormatividade e demonstrou que os e as docentes atuam em escolas enfrentando situações de discriminação, preconceito claro ou velado, assédio moral, agressões verbais entre outros.

A isso respondem desenvolvendo posturas de reafirmação de seu lugar como docentes, exigindo respeito e reconhecimento pelo trabalho que desenvolvem e, ao mesmo tempo assumem processos de diálogo e conscientização, desconstruindo preconceitos. Demonstram que embora existam homofóbicos na comunidade escolar, compreendem que é necessária uma educação para a vida, para o respeito, uma educação democrática, inclusiva que trate as pessoas de todas as orientações sexuais da mesma forma, como iguais que são.

As posições denominadas desafio, resistência, ponte e respeitável emergiram das narrativas emblematicamente. Demonstram que os docentes homossexuais sofreram homofobia ao longo de sua trajetória docente e que, desta realidade, verificou-se que embora haja uma violência que os acompanha, há uma compressão de ocupação do espaço educacional como campo de luta e resistência contra a homofobia. Essa ação constrói-se no dia-a-dia, numa verdadeira pedagogia da diversidade visando uma educação pautada nos direitos humanos, no respeito à diferença e na solidariedade a dor do outro.

Pode-se concluir ainda que a Pedagogia da Diversidade é uma prática desses docentes que, conscientemente ou não, expressam em suas práticas uma nova compreensão do sujeito que ensina em atos e discursos a desconstrução do padrão heteronormativo. Ensinam o respeito às subjetividades, a empatia pelas dores alheias, a compreensão à diferença como elemento positivo que se complementa na convivência na escola e na sociedade.

Considera-se que os resultados desta pesquisa, além de atender o que foi proposto, podem auxiliar na busca e novas investigações no campo de estudos de gênero e educação, pois ano a ano a homofobia vem ceifando a vida de pessoas LGBTI+ sejam elas independente de sua idade, crença ou raça. Matam-se pessoas porque tem uma orientação sexual não heterossexual. Morrem por homofobia. Homofobia aprendida. Os e as professoras que contribuíram com esse estudo demonstraram que a homofobia pode ser enfrentada e desconstruída. Pode-se (des)ensiná-la e aprender o respeito, a solidariedade e a igualdade.

Códigos utilizados na transcrição das entrevistas

Modelo criado pelos pesquisadores do grupo coordenado por Ralf Bohnsack

Adaptada de WELLER (2006, p. 258)

<b>Código</b>	<b>Significado</b>
Y:	abreviação para entrevistador (quando for mais de um, utilizam-se Y1 e Y2)
Am / Bf:	abreviação para entrevistado/entrevistada. Utiliza-se “m” para pessoas do sexo masculino e “f” para pessoas do sexo feminino.
(.)	um ponto entre parênteses: expressa uma pausa inferior a um segundo
(2)	o número entre parênteses: expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos)
;	ponto e vírgula: leve diminuição do tom da voz
.	ponto: forte diminuição do tom da voz
,	vírgula: leve aumento do tom da voz
?	ponto de interrogação: forte aumento do tom da voz
exem-	palavra foi pronunciada pela metade
exe:::mplo	pronúncia da palavra foi esticada (a quantidade de dois pontos equivale ao tempo da pronúncia de determinada letra)
assim=assim	palavras pronunciadas de forma emendada
Exemplo	palavras pronunciadas de forma enfática são sublinhadas
°exemplo°	palavras ou frases pronunciadas em voz baixa são colocadas entre pequenos círculos
Exemplo	palavras ou frases pronunciadas em voz alta são colocadas em negrito
(example)	palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parênteses
( )	parênteses vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parênteses varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase)
@exemplo@	palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba
@(2)@	número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala
((bocejo))	expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((pessoa acende cigarro)), ((pessoa entra na sala e a entrevista é brevemente interrompida))
//hm// //@(1)@//	utilizado apenas na transcrição de entrevistas narrativas-biográficas para indicar sinais de feedback (“ah”, “oh”, “mhm”) ou risos do entrevistador.

## Referências

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2), p. 549-559, mai/ago. 2011.

BORILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; WELLER, Wivian. Igualdade de direitos ou heteronormatividade? Professores e professoras diante da homossexualidade. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2014305, p. 1-18, 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – Lei 9394/96**. Brasília, 1996.

BRASIL. **Lei do Racismo – Lei 7716/89**. Brasília, 1989.

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O método documentário na análise de grupos de discussão. In: WELLER, Vivian; PFAFF, Nicolle (Org.) **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

G1 PA. **Escola particular de Belém que passou prova com conteúdo homofóbico é denunciada por família de aluna**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/11/19/familia-denuncia-escola-particular-por-passar-prova-contendo-perguntas-homofobicas-em-belem.ghtml>>. Acesso em: 28 nov 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GRUPO GAY DA BAHIA. **População LGBT morta no Brasil**: Relatório 2018. Salvador, Bahia: GGB, 2019. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>>. Acesso em: 12 fev 2018.

JUNQUEIRA, R. **Diversidade sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas (Org.). Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.

LIMA, Iana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, e190901, ago. 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022019000100567&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022019000100567&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 fev 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

REIS, Toni (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**: substitua preconceito por informação correta. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. Disponível em: <<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>>. Acesso em: 12 fev 2020.

ROCHA, Damião. MAIA, Marcos. A pesquisa implicada de inspiração fenomenológica para estudos in situ de/com sujeitos sociais da diversidade sexual e de gênero. **RECH - Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar**, ano 1, v. 1, n.1, p. 220-237, jul/dez. 2017.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, n. 05, p. 17-44, 2010.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1979.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: Weller, Wivian; Pfaff, Nicolle (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília, DF: Abaré, 2013.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, nº 13, p. 206-300, jan/jun. 2005.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, ago. 2006.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. Pesquisa qualitativa em educação: origens e desenvolvimento. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.) **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WELLER, Wivian; OTTE, Janete. Análise de narrativas segundo o método documentário: Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 325-340, jun. 2014.

Recebido em 24 de fevereiro de 2020.

Aceito em 28 de maio de 2020.